

Empreendedorismo inovador

Conto para vocês um episódio das aventuras do barão de Münchhausen, que viveu no século 18 e foi personagem inspiradora de inúmeras lendas. Uma delas é a sua aventura para conquistar um castelo que se impunha como a fonte dos desejos. Saiu a cavalo, à Dom Quixote. Lançou-se à empresa para a conquista de algo novo e, não sem dificuldades, aproximou-se do magnífico edifício – atraente para a conquista; muito deslumbrante para sua imaginação – verificando a existência do imenso pântano que se interpunha entre ele e a realização da sua façanha. Munido de uma lógica própria, daquele que está fora da realidade, primeiro queixou-se da falta de barco, mas como não dispunha de um, disse: “Uma outra vez quis saltar o brejo mas, quando me encontrava a meio caminho, percebi que era maior do que imaginara antes. Puxei as rédeas no meio de meu salto, e retornei à margem que acabara de deixar, para tomar impulso. Outra vez me saí mal e afundei no brejo até o pescoço. Eu certamente teria perecido se, pela força de meu próprio braço, não tivesse sido puxado pelo meu próprio cabelo preso em rabicho, a mim e a meu cavalo que segurava fortemente entre os joelhos.”

De algum modo os homens encontram-se em situações parecidas com a do barão, seja para conseguir passar no vestibular, para alcançar uma posição profissional, para fundar uma família, para recomeçar um empreendimento etc. De forma análoga, repete-se o fenômeno ao se justificar os infortúnios culpando algo externo, como é o caso da falta do barco. O arremeter-se com o cavalo corresponde aos brios desafiados; não se pode fracassar! Na segunda tentativa, com a perspectiva de que a arremetida fracassará, há quem se queixe por não saber nadar. No desespero, como solução mágica, apela-se para sair da lama puxando-se pelos cabelos.

Ao pôr a culpa dos possíveis fracassos na falta de recursos ou na falta de conhecimentos o imprevidente lança-se à solução mirabolante, utópica. Este é o caminho dos que pensam que o empreendedor é um gênio. No entanto, seu sucesso é feito de esforço e transpiração.

Conquistar novas metas, definir uma missão valiosa, apresentar ao mercado uma utilidade excepcional é tarefa do empreendedor-inovador. No âmago da disposição do verdadeiro empreendedor-inovador está a focalização no bem, que é atender às necessidades dos outros de modo que também lhe seja benéfico. O caráter da pessoa inovadora nasce de sua competência nuclear essencial: a satisfação do bem comum.

O inovador é um sabedor-aprendente, que oferece e cria bens que geram utilidade social excepcional a custos menores, uma qualidade daquele que desenha o melhor produto ou serviço ao menor custo possível. Trabalha com recursos escassos, mas não desiste de oferecer maior valor por um custo menor. O empreendedor-inovador sabe que abrir mercados novos exige muito estudo e competência. Por esta razão, sua inventiva não é acesso de paixão, impulso cego de quem quer sair do atoleiro puxando-se pelos cabelos.

O empreendedor-inovador desenvolve-se especialmente em cinco âmbitos de reflexão-ação: abrir-se permanentemente ao que é real, saber desenvolver a percepção e a atuação interrelacional, expandir fortemente os seus domínios de conhecimento, desenvolver as molas da fortaleza interior e ser humilde para pedir conselho.

Primeiro, a atitude de abertura para o real é necessária para identificar as necessidades próprias e as dos outros, de modo a dirigir a inteligência, a vontade e os sentidos para servir melhor os que pretende atender. O inovador é convocado, pelas necessidades alheias, a buscar novas oportunidades e alternativas que as tornem factíveis. Em segundo lugar abre-se ao âmbito interpessoal, estabelece um processo de criação conjunta que redundará na satisfação de necessidades que se apreendem dos outros, com uma abertura mutuamente benéfica. O terceiro âmbito de desenvolvimento é o da ciência, em que as soluções novas para as necessidades reais da sociedade exigem pesquisa, o que se pode traduzir por aprendizagens significativas por descoberta autônoma. O quarto âmbito é o da fortaleza, que fundamenta a atitude proativa e leva o empreendedor a romper o círculo vicioso das queixas por falta de recursos ou de pessoal. Por último, e não menos importante, está a humildade em pedir conselho, que consiste na busca do conhecimento socializado, fruto das experiências humanas.

Em resumo: o empreendedor-inovador vê necessária a sua ação em qualquer elo da cadeia social, qualquer que seja a sua função. Vê-se como um co-criador que gera bens de mútua

<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/opiniaio/conteudo.phtml?tl=1&id=912725&tit=Empreendedorismo-inovador>

Publicado em 08/08/2009 | PAULO SERTEK